

## **TV Digital Interativa - O Ponto de Partida**

Por Regis Alvim Junot, em 11/04/2007.

Do ponto de vista do público, a evolução da tecnologia da TV estará na melhor qualidade de imagem e som, além da possibilidade de interagir com o conteúdo que será exibido. A televisão tem uma linguagem consolidada e os aplicativos interativos deverão respeitar essa linguagem como ela é conhecida hoje pelos telespectadores. A TV digital interativa não poderá exigir do público conhecimentos complexos. O sucesso dessa relação dependerá do conteúdo interativo a ser exibido e da forma como a exibição e a interação acontecerão.

Segundo o jornalista Valdecir Becker, a interatividade terá impacto direto na concepção e na produção de novos programas ou na adaptação de programas já existentes. Além de entreter e informar, as aplicações interativas deverão despertar curiosidade e cativar o telespectador-usuário. Se a experiência for desagradável, ele não se interessará em realizar futuras interações. A interatividade não será só um recurso a mais ou uma atração da modernidade. Na avaliação de Becker, novos atrativos precisarão ser criados, de modo que entretenimento, cultura e informação contribuam para melhorar a vida das pessoas, tornando a televisão uma potencial ferramenta solucionadora de problemas.

Devemos pensar em uma humanização das tecnologias, transportando para TV uma simulação de situações o mais próxima possível da realidade. Nesse contexto, a natureza humana requer análise de especialistas em sociologia, psicologia, pedagogia entre outras ciências. Também é necessário o engajamento de comunicadores e pensadores em uma ampla discussão sobre a interatividade na televisão. Segundo o jornalista Fernando Crocomo, a interatividade pode resgatar o diálogo em toda a programação.

O telespectador se acostumou à limitação técnica, ou seja, à impossibilidade de responder ao que está sendo exibido ou proposto na TV. Ele não é passivo por natureza, mas está passivo porque não tem como ser ativo. Na TV, o telespectador reage a estímulos audiovisuais. A reatividade e a curiosidade são os combustíveis para ele interagir com um programa de TV. Essas características são fundamentais para estimular o processo de alfabetização digital através da TV interativa.

Um aplicativo com interatividade deverá complementar a programação ou oferecer algo inédito. As interfaces interativas contendo ícones e informações na tela poderão complementar o fluxo normal de áudio e vídeo, independente destes elementos estarem ou não relacionados entre si.

## **O enfoque da interatividade**

O uso do termo “interativo” virou um modismo. É necessário definir o que é programação efetivamente interativa ou, conforme indaga Becker, quando essa nomenclatura é usada como jogada de *marketing*. A participação do público através de outros meios de comunicação como telefone e internet não pode ser considerada como interativa, mas sim participativa. A participação do telespectador, fornecendo conteúdo para as emissoras, também não pode ser considerada como interativa, mas sim colaborativa. A interatividade considerada neste artigo reside exclusivamente na utilização do controle remoto pelo telespectador que está diante de um aparelho de TV. Definido o enfoque principal da interatividade, podemos identificar três níveis básicos de interação entre o telespectador e a emissora de TV: 1) interação efetiva com retorno de áudio, vídeo e dados; 2) interação parcial com retorno apenas de dados; 3) interação local sem retorno.

Uma aplicação interativa deve ser atraente tanto para quem tem canal de retorno (via Wi-Max, banda larga ou linha discada) como para quem não tem canal de retorno. Na avaliação de Becker, não só quem estiver no estúdio participando de um programa ao vivo poderá servir de termômetro da programação, ou, como acontece hoje, algumas residências paulistanas dotadas de *people meter*, mas todos os telespectadores poderão fornecer um *feedback* para as emissoras, deflagrando um processo constante e eficaz de reavaliação dos conteúdos e das formas de difusão.

## **Conclusão**

Na TV digital interativa o telespectador poderá acessar conteúdos adicionais na tela da TV. Mas é necessário definir até que ponto interessa às emissoras desviar a atenção deste telespectador para aplicações interativas, em detrimento da grade de programação principal. E se isso interessar, as emissoras devem definir qual o momento mais adequado para liberar essa possibilidade de interação. A inclusão de recursos interativos na televisão, de uma forma acessível para a maioria marginalizada da população brasileira, constitui um enorme desafio para a comunidade de especialistas em produção para TV digital e este desafio requer a participação de vários segmentos da nossa sociedade. Independente das tecnologias adotadas e dos resultados das discussões, pesquisas e testes em andamento, devemos considerar a linguagem televisiva atual como ponto de partida para a programação interativa. A interatividade deve se basear inicialmente nas mídias interativas Internet, DVD e CD-ROM multimídia, já conhecidas por uma parcela da população, e o avanço do seu desenvolvimento deverá ocorrer gradualmente na medida em que essa nova mídia for se consolidando e o telespectador for se acostumando com a interatividade.

## **Referências**

BECKER, Valdecir. Concepção e Desenvolvimento de Aplicações Interativas para Televisão Digital  
CROCOMO, Fernando Antonio. TV Digital e Produção Interativa: a comunidade recebe e manda notícias